

ESCOLA-UNIVERSIDADE: NARRATIVAS, FAZERES DOCENTES QUE APROXIMAM UNIVERSIDADE, ESCOLA E PROFESSOR – POR FORMAÇÕES HORIZONTAIS

SCHOOL-UNIVERSITY: NARRATIVES, TEACHERS MAKING APPROACHING UNIVERSITY, SCHOOL AND TEACHER - BY HORIZONTAL FORMATIONS

Jonathan Aguiar⁶⁵

Resumo

Trata-se de um estudo que teve como objetivo apresentar como professores formadores compartilham suas experiências, reflexões e teorizações sobre alfabetização no polo de Itaperuna/RJ com a aproximação da universidade. Advém desse contexto, a seguinte questão problematizadora: *diálogos ou distanciamentos entre escola-universidade?* Este trabalho se inscreve como relato de experiência, assumindo um caráter qualitativo (IVENICKI; CANEN, 2016), baseado nos fundamentos de *pesquisa-formação* (JOSSO, 2004). Portanto, a partir dos depoimentos dos Formadores Locais do polo de Itaperuna/RJ, participantes do programa de formação continuada – Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), sob a responsabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), identificamos práticas curriculares, narrativas, histórias de vida, conhecimentos escolares e não escolares que aproximam universidade-escola-professor, considerando que a presença dos Formadores Regionais colabora para tal efetivação.

Palavras-chave: Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa. Escola. Universidade. Formador local. Formação Continuada.

Abstract

This is a study that aimed to present how teacher educators share their experiences, reflections and theories about literacy at the Itaperuna / RJ center with the approach of the university. From this context, the following problematic question arises: dialogues or distances between school and university? This work is registered as an experience report, assuming a qualitative character (IVENICKI; CANEN, 2016), based on the fundamentals of research-training (JOSSO, 2004). Therefore, based on the testimonies of the Local Trainers at the Itaperuna / RJ pole, participants in the continuing education program - National Pact for Literacy at the Right Age (PNAIC), under the responsibility

⁶⁵ Doutorando e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo bolsista pela CAPES. Pedagogo pela Faculdade de Educação da UFRJ e psicopedagogo (FESL/SP). Pesquisador científico do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE/UFRJ) e membro do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIIPE), sob a coordenação da Profa. Dra. Mônica Pereira dos Santos. E-mail: escritorjonathan@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8517-148X>

of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), we identified practices curricula, narratives, life stories, school and non-school knowledge that bring university-school-teacher closer together, considering that the presence of Regional Trainers contributes to such effectiveness.

Keywords: National Pact of Literacy in the Right Age. School. University. Local trainer. Continuing Education.

1. Conversa inicial

O presente trabalho tem como finalidade apresentar como professores formadores compartilham suas experiências, reflexões e teorizações sobre alfabetização no polo de Itaperuna/RJ com a aproximação da universidade. Advém a seguinte questão problematizadora: *diálogos ou distanciamentos entre escola-universidade?* Assim, busca-se contribuir para o campo da formação de professores, na perspectiva de trazer a este debate a autorreflexão docente, por meio de práticas formativas que favoreçam a troca de conhecimentos, saberes e interlocuções sobre alfabetização.

Tal estudo tem como fundamento o relato de minhas experiências (IVENICKI; CANEN, 2016), ora como Alfabetizador, ora Pesquisador Científico e ora Formador Regional do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Sua justificativa manifesta-se nas produções científicas (CONSTANT *et al.*, 2015; SILVA; FOUREY, 2018; AGUIAR *et al.*, 2018; BEHREND; COUSIN; SCHMIDT, 2019; AGUIAR; CERDAS, 2019) que evidenciam o quanto é necessário trazer à baila o diálogo entre universidade e escola, resultando em uma relação horizontal, que ainda é pouco explorado na pesquisa acadêmica, principalmente quando se refere aos fazeres docentes que acontecem no chão da escola pública (AGUIAR *et al.*, 2018).

O que é o **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa?**

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) consiste em um programa do governo federal, implementado em 2013, pelo Ministério da Educação, em parceria com estados e municípios, em ação colaborativa. A fim de garantir a melhoria na alfabetização de crianças dos primeiros anos das séries iniciais (1º ao 3º ano), num processo formativo, envolvendo profissionais que atuam com alfabetização - seja na

sala de aula, na gestão das políticas educacionais como também em outras instâncias (BRASIL, 2012, 2017 e 2017a).

Diante disso, é importante destacar que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tem sido a instituição responsável pela formação continuada de professores alfabetizadores desde 2013, no âmbito do estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação da Profa. Dra. Elaine Constant. O programa funciona com base em reuniões, seminários, fóruns, encontros formativos em 11 polos regionais⁶⁶, discutindo propostas pedagógicas, metodologias, políticas de alfabetização, práticas alfabetizadoras, aprofundamento teórico, troca de conhecimentos em torno do campo da Matemática, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Artes e a própria Alfabetização.

Como se dá essa relação entre universidade e escola por meio do PNAIC-RJ?

De acordo com as minhas vivências como Formador Regional do polo de Itaperuna (2017-2018) e meus desdobramentos frente aos documentos orientadores do PNAIC, ressalto que a relação entre universidade e escola acontece de modo horizontal, com a participação de todos os agentes (formadores, professores, coordenadores e entre outros) construindo desta maneira interlocuções entre universidade e escola. No tocante a essa política pública, cabe destacar que quem assume esta figura indispensável para o elo entre universidade-escola-professor é o Formador Regional, sendo o responsável por planejar e ministrar a formação continuada aos Formadores Locais⁶⁷ nos seus respectivos polos (BRASIL, 2017).

Como registro dessa experiência, trago que fui Formador Regional no polo de Itaperuna/RJ no período de 2017 a 2018. Sobre essa vivência subscrevo:

[...] de acordo com minhas experiências como formador regional foi possível construir uma ponte entre universidade e escola, por assim pertencer aos dois espaços. Saliento que, para aqueles que atuam como professores na cidade do Rio de Janeiro, por ser uma grande metrópole, é perceptível que estes educadores não se sentem isolados da universidade. Por viverem em um lugar onde o acesso é próximo. Mas, quando chegamos a outros municípios fluminenses, nos

⁶⁶ Polo Itaguaí; Polo Petrópolis; Polo Niterói; Polo Resende; Polo Araruama; Polo Campos dos Gaytacazes; Polo Itaperuna; Polo Rio de Janeiro; Polo Duque de Caxias; Polo Nova Friburgo; e, Polo Nova Iguaçu.

⁶⁷

deparamos com territórios que não há universidade. Como é o caso de Itaperuna/RJ, que fica localizado no noroeste fluminense, no estado do Rio de Janeiro, onde possui em sua cidade, faculdades privadas e polos de universidades públicas, nas quais majoritariamente a formação de professores se dá a distância. Inúmeras problematizações surgem frente ao espaço de formação de professores, principalmente quando essa formação inicial acontece à distância. Tanto, que com a minha aproximação dos encontros formativos no polo de Itaperuna/RJ, uma das formadoras locais expôs no primeiro dia de formação o seguinte relato: *‘Me chama atenção participar de uma formação presencial. Sou professora contratada aqui em Itaperuna e fiz toda a minha formação à distância. É um alívio ter um momento que posso falar e aprender junto’* (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

Na minha vivência como Formador Regional, fica nítido o estreitamento dos laços entre universidade-escola-professor com os encontros formativos do PNAIC-RJ/UF RJ, no polo de Itaperuna, rompendo com a sensação de isolamento quando se é docente de uma escola que fica distante da universidade.

Por outro lado, quando uma Formadora Local expressa que sua formação aconteceu à distância e que se sente aliviada por existir um espaço em que pode falar e aprender com seus pares, reafirma a potência de haver momentos de diálogo, escuta e reflexão sobre a docência e a prática pedagógica, momentos esses que forjam a identidade docente. E, refletir sobre a docência, expor suas ideias são atos imprescindíveis para formação de professores, tanto que Nóvoa (2004, p. 16) menciona três aspectos necessários para tal compreensão:

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre seus percursos pessoais e profissionais (*auto-formação*); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (*hetero-formação*); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (*eco-formação*).

A partir das palavras de Antônio Nóvoa, é preciso salientar e reconhecer que há pluralidade de saberes que contribuem no processo formativo para a docência. Esses saberes não são oriundos de um único percurso formativo ou das aprendizagens adquiridas ao longo da vida, mas de uma complexidade de relações, interações, crenças,

valores, instituições que cooperam de modo simultâneos, dialéticos e subjetivos, marcando a essência de ser professor, logo formador.

Destaco que os programas de formação continuada para professores, de modo especial o PNAIC-RJ, diante da vivência que tive como formador e atrelado a isso as experiências como professor alfabetizador me possibilitaram juntamente com meus colegas em formação ampliar as nossas vozes, na sintonia de mobilizar transformações que podem acontecer dentro de nossas salas de aulas.

Seguindo essa lógica, ênfase que é vital que professores e formadores consigam enxergar o quanto são criadores de práticas pedagógicas as quais contribuem para aprendizagens sobre alfabetização, e como são protagonistas do fazer docente. Fomentam assim outras tessituras de saberes olhando para si, descobrindo seus anseios, suas conquistas, e isso faz parte de um processo de formação à docência, levando em consideração os aspectos autoformativos já subscritos. Para esses movimentos acontecerem e tal reconhecimento do protagonismo docente ser incorporado em espaços de formação continuada, a aposta se dá quando, esses profissionais buscam

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

A expressão “Cultivar a arte do encontro”, proposta por Larrosa (2015), sintetiza de modo geral os encontros formativos do PNAIC-RJ, principalmente quando Formadores Regionais saem da capital (cidade do Rio de Janeiro) e vão para o interior dos municípios para discutir alfabetização com Formadores Locais em seus respectivos polos.

Essa arte do encontro propicia interlocuções, interações, elos institucionais entre universidade-escola como já mencionado neste estudo. Custódio (2010) e Arruda

(2014) destacam que esses sistemas de ensino são também co-responsáveis pelo desenvolvimento da docência. Nessa mesma linha Arruda (2014, p. 44) afirma que:

[...]a responsabilidade do trabalho coletivo (ou compartilhado) não pode ser responsabilidade apenas de uma instituição, mas de todas as envolvidas, escola e universidade[...] vai muito além de espaço de aplicação de saberes oriundos das academias. É nesse ambiente em que há a socialização de saberes e de vivências entre professores em formação, professores experientes, alunos, funcionários.

Partindo desses pressupostos, entendo que ambas as instituições precisam estreitar seus laços, suas parcerias, rompendo com as relações hierárquicas e seus distanciamentos, sobretudo o reconhecimento de que a escola também forma docentes, existem saberes que precisam ser admitidos pela universidade.

De fato, são diversos desafios de assegurar encontros formativos com professores em diálogo com a universidade-escola, contudo, de acordo com as minhas experiências na interface com as vivências dos Formadores Locais e Regionais conseguimos estabelecer esta conexão entre escola e universidade, principalmente quando um deles menciona esse processo dialógico: “foi construída com muito diálogo, algo que antes não acontecia” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

Após essa breve apresentação sobre o PNAIC-RJ/UFRJ e os saberes que constituem a docência, as próximas seções deste estudo buscam romper as fronteiras da escola e da universidade, ir além de práticas pedagógicas, teorizações e discursos que defendem a seguinte aceção “na universidade está a teoria, na escola vive a prática” disse uma Formadora Local (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018). A partir daí, não medi esforços em aproximar conhecimentos e experiências que são produzidos *na* escola, *com* a escola e que fortalecem as diversas redes de socialização em diálogo também *com* a universidade. A tentativa é tecer troca de saberes e experiências *no* coletivo, *com* o coletivo que forma a escola e seus diversos atores, sendo mais específico, professores alfabetizadores que enxergam a universidade e a escola como espaços parceiros, ambos responsáveis pela formação docente.

Assim, indago: **Universidade-escola: há possíveis diálogos entre formadores?**

2. A proposta é propiciar o diálogo universidade-escola: os Formadores Locais em foco

O polo de Itaperuna (PNAIC/UFRJ), localizado na região noroeste fluminense, do estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Itaperuna (SEMED), sediou os encontros de formação continuada para os Formadores Locais, sob responsabilidade da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo como coordenadora geral a Profa. Dra. Elaine Constant, juntamente com os Formadores Regionais.

Cabe destacar que os encontros formativos aconteceram duas vezes ao mês, no período de setembro de 2017 a março de 2018, com carga horária de 18 horas mensais. O polo de Itaperuna/RJ possuía 32 Formadores Locais, sendo eles dos seguintes municípios: (2) Laje do Muriaé, (3) Bom Jesus do Itabapoana, (2) Porciúncula, (2) Italva, (1) Aperibé, (3) Santo Antônio de Pádua, (2) Varre-Sai, (2) Natividade, (3) Miracema, (2) Itaocara, (2) Cambuci, (7) Itaperuna, e, (1) São José de Ubá.

Dois semanas antes do primeiro encontro foi solicitado que os formadores se organizassem em duplas ou trios, mas esse agrupamento deveria conter professores que pertencessem ao mesmo município. Aqueles que estivessem sozinhos poderiam se juntar a outros colegas de outros municípios como era o caso de São José de Ubá e Aperibé. Conseqüentemente, eles tiveram a tarefa de elaborar uma apresentação, compartilhando as experiências adquiridas enquanto formadores no ano de 2017, apontando os avanços e os desafios diante desse percurso formativo em diálogo com a universidade.

Passada as duas semanas, aconteceram no polo 14 apresentações. Com essa descrição, apresenta-se o desenho do trabalho realizado que assume um caráter qualitativo, do tipo relato de experiência (IVENICKI; CANEN, 2016) baseado nos fundamentos de pesquisa-formação (JOSSO, 2004), cujos formadores locais do polo de Itaperuna/RJ relataram as suas experiências a respeito da docência no campo da alfabetização. Contam suas histórias de vida, resgatam as lembranças sobre si, sobre o outro, assim como constroem conhecimentos, saberes sobre a docência (JOSSO, 2004).

Utilizamos como instrumentos metodológicos para subsidiar o alcance do objetivo deste estudo: I) gravação de áudio/vídeo (MARÇO, 2018) que foram transcritas posteriormente e II) produção de um relatório de observação.

Levanto outra questão: **A prática docente é uma maneira de aproximar diálogos entre escola, formador e universidade?**

3. Se for para aproximar universidade-escola-formador que comece pela prática

Nos encontros de formação continuada (2017-2018) com os Formadores Locais no polo de Itaperuna/RJ, os Formadores Locais relatavam os problemas enfrentados no cotidiano escolar, os desafios em alfabetizar crianças e traziam tais indagações para os encontros: “como lidar com a indisciplina em sala de aula? Como garantir a aprendizagem dos alunos com deficiência sem possuir formação específica para tal atendimento?” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

Igualmente continuam:

É possível alfabetizar crianças em turmas multisseriadas respeitando o ciclo da infância? De que maneira posso alfabetizar crianças da zona rural sabendo que os livros e cartilhas não dialogam com a sua realidade? Como lidar com a falta de investimento das Secretarias de Educação e valorização da profissão docente? (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

São incontáveis os questionamentos quando a temática perpassa a docência e isso pode ser observado nas formações que aconteciam no polo de Itaperuna, como destacou o Formador Regional - autor deste estudo, cujo relato de experiência encontra-se amalgamado, envolvido nos parágrafos desta seção.

Os diversos *como* permeavam os encontros de formação, porém as respostas a essas ou outras questões eram trazidas a reflexões. Na construção desses saberes eram embasados, ora por aporte teórico, ora pelo silêncio, como estratégia de elucidar as narrativas e pensar em outras saídas para as barreiras encontradas (ou não) no contexto educacional.

Os formadores prepararam suas apresentações em grupo elaborando uma apresentação em *slide* que continham fotos, vídeos e dinâmicas que foram realizadas com os professores alfabetizadores nos encontros formativos em que são os responsáveis.

Dos 14 grupos constituídos, pudemos observar que eles trouxeram as vivências que foram significativas nos encontros com os professores alfabetizadores, como também os desafios da docência, ensinar e aprender em diálogo com as áreas do conhecimento (Matemática, Ciências, História e Geografia) e implicações metodológicas no contexto da sala de aula.

Dois grupos (1 e 4) de Formadores Locais, ao pensarem sobre suas práticas formativas com os alfabetizadores, trouxeram a discussão o campo da Alfabetização Matemática, temática trabalhada no caderno de número 7 do PNAIC, intitulado *Alfabetização matemática na perspectiva do letramento* (BRASIL, 2015). Ambos elucidaram as reflexões levantadas pelos docentes e a maneira como discutiram a matemática nos anos iniciais com os professores alfabetizadores, além de iluminar as dificuldades que tais professores expressam sobre a matemática no campo da alfabetização. Dessa forma, segue o relato de como aconteceu a apresentação do grupo 1.

A formadora inicia a apresentação explicando que a formação com os alfabetizadores em sua escola trouxe o seguinte questionamento: **“Quem é você professor de matemática no ciclo de alfabetização?”** A formadora permanece alguns minutos em silêncio e relata: a carinha que vocês estão fazendo agora, foi a carinha que elas [alfabetizadoras/es] fizeram. Algumas franziam a testa, outras abriam os olhos aparentando uma carinha de espanto. A mesma continuou passando para o próximo slide, com mais perguntas: você é um professor tradicional? Divertido? Vilão? Motivacional? A partir dessas questões a formadora aborda que a **reação das professoras** diante dessas perguntas associadas às imagens foi de surpresa, ficaram um pouco pensativas e mesmo assim uma representante do grupo diz que continuou indagando, perguntando a cada uma **como é sua prática em sala de aula**. As alfabetizadoras relataram que buscam **novos caminhos e novos horizontes para ensinar a matemática**, porém o modo tradicional é o que mais funciona e com amor e dedicação as crianças aprendem. Para desconstruir essas associações o grupo relata que levou textos que abordam a importância do **jogo** para alfabetização matemática e fizeram oficinas de criação de jogos para

trabalhar o ensino da matemática, primeiro com o objetivo de desconstruir a matemática como algo tradicional. As formadoras usaram sucatas para construção dos jogos. Ao apresentarem as fotos dos jogos confeccionados uma formadora local disse: **eu quero tudo, compartilha no nosso grupo!** Em resposta: É pra já! Não trabalhamos somente com jogos, mas com **música, arte de maneira interdisciplinar como aprendemos em nossa formação aqui com vocês.** Finaliza sua apresentação dizendo: a proposta do PNAIC é trabalhar de forma prazerosa e para quem não estava ano passado, isto também é lúdico, **eu tinha trauma pela matemática, usando jogos aprendi a gostar de matemática** (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

Nessa primeira apresentação (Grupo 1), as elucidações realizadas pelos Formadores Locais, percebe-se o lugar da matemática no processo de alfabetização a partir do olhar daqueles que são responsáveis também pelo ato de alfabetizar. Nessas situações de ensino apresentadas pelos formadores, não existiam hierarquizações de saberes, mas abertura para troca de conhecimentos. Observa-se que as narrativas dos professores alfabetizadores, que foram assim trazidas para o encontro formativo sobre o conhecimento matemático traduzem como práticas tradicionais, mecânicas, em seu bojo, prezam pela memorização. Conforme seus respectivos relatos, essas consideradas práticas “mais eficazes”, dizem os alfabetizadores. Isso se dá apesar das sensações de medo, de traumas em aprender matemática conforme diz uma das formadoras locais. Como Formador Regional, questiono: “para aprender matemática é da maneira que a maioria de nós fomos ensinados? Mecânica? Todos utilizam as mesmas estratégias para resolução de um problema?” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

A princípio a construção do conhecimento se dá a partir de questionamentos, nesse percurso por meio de problematizações os indivíduos vão se auto formando.

Nessa linha nota-se que é um movimento necessário e fundamental para uma prática reflexiva, dialógica para a construção da identidade docente (NÓVOA, 1995; 2004), logo, entre os formadores regionais e locais com base no relato descrito no parágrafo anterior vão aparecendo experiências, saberes escolares e não escolares que forjam o que é ser professor (a), o que é ser pesquisador (a) e os modos de aprender e ensinar. Nesse sentido, o ato de compartilhar se faz é essencial, contribuindo para a parceria entre professor-escola-universidade, possibilitando, conforme as palavras de

uma das formadoras “novos caminhos e horizontes para ensinar a matemática” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

A partir dessa afirmação revela-se uma associação das atividades pedagógicas sistematizadas no Caderno 7, com o que a formadora local pensou sobre o uso de jogos, brincadeiras ao ensino da matemática, rompendo com práticas mecânicas. (BRASIL, 2015).

Em diálogo com esse processo formativo de professores/formadores locais, chama atenção a fala de uma das professoras que assistia à apresentação do grupo 1: “[...] eu quero tudo! Compartilhar no nosso grupo!” (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018). Consideramos essa fala reflexiva, potente para o professor dos anos iniciais, ao descobrir que a interação é necessária para compartilhamento de experiências. Somente no encontro, com formadores conseguimos enxergar o outro, reconhecer o quanto o outro contribui para a identidade de ser professor (LARROSA, 2015).

Em continuidade à discussão do campo da matemática, as estratégias de ensino e a formação de professores, o segundo grupo a se apresentar (GRUPO 4) nomeou a “matemática é um bicho” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018). Há um discurso de senso comum de que a matemática é um monstro, melhor dizendo: um bicho! Para romper com esse discurso e levar os professores a uma mudança de comentário, a aposta se dá em jogos de raciocínio como damas, jogo da velha, batalha naval, uno e entre outros, que têm como ponto central as atividades interdisciplinares, trazendo situações cotidianas e a relação entre o ensino de “português, ciência e história” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018). Por outro lado, uma das formadoras locais expõe ao término da apresentação o quanto aprende com seus colegas.

[...] este momento já está valendo a pena, a ideia dela ali [grupo dos jogos matemáticos] eu adorei, já vamos fazer até no nosso próximo encontro. A gente sabe da nossa necessidade dessa acolhida, se o professor envolve desta maneira, imagina os alunos. Como a gente tem que repensar isso, então já valeu a pena. Vou pegar a ideia e dela e copiar dentro da minha realidade (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018).

A formadora em questão traz alguns elementos significativos quanto à mudança e ao reconhecimento do trabalho docente. Pode-se atribuir a esse relato o quanto somos sujeitos pensantes, criativos, autores de práticas a partir das vivências que possuímos, aquilo que não pensávamos, se torna pensável, ou até o que já era pensado ganha uma nova configuração (FERNÁNDEZ, 2001).

Para além de “aplicabilidade”, “modos operantes de se fazer algo ou ensinar”, os encontros formativos permitem que professores avaliem suas ações, sua história como aluno e docente, o reconhecimento de uma prática que deu certo e que poderá contribuir para outros contextos escolares. Isso se dá porque o que antes não foi pensado para se tornar real diante do compartilhar de experiências diz Alicia Fernández (2001).

Nesse sentido, enquanto formador regional em 2017-2018, revisitava as minhas lembranças como aluno, como professor da educação básica, esse processo autoformativo impactava a minha vida como sujeito que defende uma escola pública onde todos tenham desejo de aprender e trocar conhecimentos em diferentes contextos sociais.

Partindo para o terceiro grupo (GRUPO 2), eles destacaram na apresentação que um dos eixos trabalhados com os professores alfabetizadores no ano de 2017 - “História da Cidade”, que teve como objetivo que os alfabetizadores conhecessem a cidade de Cambuci, para que as atividades desenvolvidas no ambiente escolar tivessem aproximação com o contexto de vida dos alunos. Eles ainda dizem:

Identificamos a pessoa mais antiga para contar as histórias de cada arquitetura como a igreja matriz, o hospital e cada monumento da cidade em diferentes espaços e tempo. Tinham colegas nossos que pensavam que não poderiam visitar esses locais como a própria Câmara Municipal (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018).

Com base nesse relato, o espaço de formação continuada apresenta um caminho para conhecimento da história local de um determinado município e permite que cada docente adquira novos saberes e conhecimentos, ultrapassando os muros escolares e universitários. Assim, faz com que esses professores descubram outras maneiras de

aprender e ensinar, em que a cultura local, a arquitetura, a história contada por moradores, monumentos, contribuem para uma aprendizagem significativa.

Seguindo esse enfoque, os grupos 9, 10 e 13 destacaram a importância da aula passeio no processo de aprendizagem, um dos eixos estudados no ano de 2017, que impactou a vida deles nesse percurso autoformativo. Antes não pensavam em dialogar, construir aulas que dialogassem com outros espaços educativos como museus, bibliotecas, monumentos da cidade, contribuindo igualmente para um ambiente alfabetizador. De fato, a alfabetização não se restringe à sala de aula, ao quadro, ao giz e ao lápis na mão, mas também a as experiências com a arte, o conhecer, e explorar o mundo e seus diversos contextos artísticos, culturais e sociais que contribuem para a alfabetização (CONSTANT, et al. 2015; AGUIAR *et al.* 2018).

Com a ida até o Cristo Redentor da cidade de Itaperuna/RJ, no mês de outubro de 2017, uma formadora local descreve sua experiência.

Adoramos quando fomos fazer uma aula passeio no Cristo Redentor de nossa cidade e depois ficamos pensando como trazer isso para discutir a nossa prática. Vivenciamos um momento de aprendizagem fora do espaço escolar. Conhecemos a história do município de Itaperuna, e o caderno sobre ciências ajudou a pensar também essas questões da aula passeio. Levamos isso para formação, levamos fotos de Itaperuna antigamente e atual, fizemos um resgate do que é memória antes de fazer a análise das fotos. Trabalhos a questão do olhar, o quanto o olhar e o observar é fundamental no processo de ensino e aprendizagem (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018).

Percebe-se, com esse relato, o quanto os professores são afetados por essas práticas formativas, pelo fato de parar para pensar em como trazer o que está sendo vivenciado para prática do dia a dia (chão da sala de aula) e discutir esses aspectos na formação (LARROSA, 2015). Assim, identifica-se a relação, entre teorias e práticas, universidade e escola, em que não há distinção, mas sim complementação. Aqui se dá a potência deste trabalho, principalmente quando há diálogos mais horizontais (próximos) entre universidade-escola-professor.

O grupo 5, na mesma perspectiva, apresenta sua experiência nos encontros formativos e os devidos desdobramentos na docência, assim uma das integrantes

menciona: “O PNAIC revitalizou o cantinho da leitura, propôs atividades diferentes de leitura e escrita. Aprendemos aqui o que é refletir a nossa prática em sala de aula, fazendo que nossa aula seja mais agradável” (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

Por fim, os grupos 6, 12 e 14, de modo mais amplo, discursaram sobre a aproximação e a visibilidade que os encontros com professores possibilitaram a todos.

[...] o PNAIC faz com a gente desde 2013, eles nos encorajam a cada encontro, a alçar voos maiores, a gente se encanta a cada formação. A gente sempre procura fazer o link, daquilo que a gente vê, daquilo que a gente vivencia em nossas escolas e o que a gente recebe de formação e de como essa teoria embasa a nossa prática. Então, a gente não tem receita pronta, a gente sempre procura nos grupos de debate, fazer essa relação, esse link [...] Uma das formadoras do grupo 8 diz “nós estamos no PNAIC desde 2013, no meu caso, como é de muitas, participei de várias formações continuadas na prefeitura, é uma formação de longa data. Então, os professores pensam assim: eu não vou ouvir mais do mesmo, mais do mesmo não! Eu fui uma, eu disse, eu vou no primeiro dia, se eu não me encantar, eu não vou mais, até porque eu não quero ouvir mais do mesmo, eu sou uma que tem esse discurso, mas que graças a Deus estou aqui ouvindo o diferente (RELATÓRIO, MARÇO DE 2018).

De maneira geral, as apresentações permitiram que os formadores locais compreendessem como cada município tem desenvolvido os encontros de formação continuada entre os professores alfabetizadores, sem medo de expor as suas dificuldades no ensino da matemática e as estratégias de ensino que construíram para superar o desafio de alfabetizar todos os alunos no espaço escolar. Então, foi evidenciada neste estudo a pluralidade dos encontros auto formativos de professores alfabetizadores e formadores locais, juntamente com os regionais. Desse modo, emerge a parceria entre universidade-escola-professor, sendo cada um protagonista de sua ação pelo simples fato de compartilhar ideias e experiências sobre docência em diversas esferas que a que pertencem (universidade, escola e/ou secretaria de educação) (ARRUDA, 2014).

Josso (2004, p. 39) explica: “aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas” e a partir dos encontros formativos do PNAIC, foi possível propiciar uma troca de experiências, de práticas formadoras onde há uma aprendizagem que possui articulação

com conhecimentos, valores, teorizações e que oferecem para cada sujeito a pluralidade de saberes (JOSSO, 2004). Isso se comprova porque uma das formadoras locais apresenta, resumidamente esse movimento dialógico nessa horizontalidade e seus desdobramentos como ser humano e professora:

[...] nas nossas práticas do dia a dia a gente sempre vê a universidade distante, como se fosse sempre impossível, se alcançar, ou se aproximar, ou chegar e se envolver com a universidade. Através do **PNAIC** isso **foi possível** e foi muito gratificante, porque **nós unimos conhecimentos de realidades diferentes**, falamos de um mesmo assunto, falamos de educação, só que com olhares diferentes, e isso **desconstrói conceitos e reconstrói outros**, e constrói novos conceitos, refrigera a nossa **vontade de aprender**, de se informar mais, de se capacitar mais, de ser um profissional diferente em sala de aula. Porque a gente percebe o quanto que os profissionais e as universidades e em especial a UFRJ, que **nós tivemos formadores** como [cita os nomes dos formadores], e de como **foi importante saber que tinha alguém da universidade nos ouvindo**, e acredito que isso foi muito válido, e foi muito motivador. A palavra pra mim que eu coloco, é motivador, hoje eu tenho vontade mais do que antes, de fazer um mestrado. Essas **formações me tocaram de um modo que eu penso, eu preciso ler mais, eu preciso estudar** mais, então foi muito importante e hoje **carrego um pouco dessas formações**. Essa formação deixa um lugar muito especial, **me motivou a ler mais, pesquisar, a querer ler os livros que vocês sugeriram, e isso vai construindo novos profissionais, novos líderes nas regiões, distantes das universidades** (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018).

Nesse sentido, é necessário retomar as questões iniciais que nos provocaram, a partir dos relatos e das experiências dos formadores locais, se há distanciamentos ou aproximações entre a universidade e a escola. Como foi apresentado ao longo deste texto, percebemos aproximações, principalmente, com o apoio de formadores regionais que possibilitaram o diálogo entre o chão da escola pública com a universidade.

Professores que se sentiam solitários em suas ações pedagógicas, por meio dos encontros de formação, encontraram um ambiente de acolhimento, propiciando a criação de redes, que a sensibilidade de ouvir e acolher o discurso do outro é fundamental e contribuem para construção de conhecimentos e saberes ao exercício da docência.

4. Eu não vou ouvir mais do mesmo [...] estou aqui ouvindo o diferente

Finalizar este estudo com uma das falas expressas por uma das formadoras locais “Eu não vou ouvir mais do mesmo [...] estou aqui ouvindo o diferente” (GRAVAÇÃO DE ÁUDIO/VÍDEO, MARÇO DE 2018), remete a toda uma construção e diálogos que foram realizados ao longo desta pesquisa, sobretudo quando pensamos no processo formativo de cada docente que participou da formação continuada pelo PNAIC-UFRJ. O ouvir o diferente fomenta o lugar da aproximação da escola *com* a universidade, da universidade *com* a escola e os professores.

Nesse sentido, também destaco que durante esse processo formativo entre os sujeitos que estão na escola, na universidade e nos pólos que receberam o PNAIC-UFRJ houve respeito às narrativas, as histórias docentes e as experiências que foram compartilhadas entre cada indivíduo. Assim como o acolhimento dos olhares, das falas e práticas pedagógicas, instituindo um elo entre as instituições e seus sujeitos em prol de uma educação mais participativa e inclusiva.

Por fim, estas são as (in)conclusões que merecem mais investimentos epistemológicos e metodológicos, que tratam da construção da identidade docente que se desdobram em fazeres que aproximam polos, universidades, seres humanos, e outros contextos que tem como luta emblemática a existência de parcerias entre escola-universidade-sociedade-docência.

Referências

- AGUIAR, J. F. de *et al.* Do chão da escola pública à universidade: reflexões sobre práticas formativas de um polo acolhedor. In: CONSTANT, E. (Org.) **Redes de alfabetização no estado do Rio de Janeiro**: prática, extensão e integração na formação continuada. Rio de Janeiro: Edigráfica, 2018.
- AGUIAR, J.; CERDAS, L. Estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo a partir da experiência dos licenciandos do curso de pedagogia da UFRJ. **Revista Profissão Docente**. Uberaba-MG, v.19, n.40, p.01-13, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1269/1420>
- ARRUDA, T. O. **Estágio curricular supervisionado**: o papel do professor regente da educação básica na formação inicial em Educação Física. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Pelotas, 2014.
- BEHREND, D. M.; COUSIN, C. da S.; SCHMIDT, E. B. A relação interinstitucional entre escola e universidade no contexto dos estágios curriculares supervisionados. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.5, n.1, jan.- abr. 2019, p.85-94. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6813192>
- BRASIL. **Documento orientador de 2017 do PNAIC**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/doc_orientador_versao_final.pdf. Acesso em 21 de mar. de 2018.
- BRASIL. **Alfabetização matemática na perspectiva do letramento**. Caderno 07/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.
- BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. Brasília: Ministério da Educação, 2012. Disponível em: http://www.lex.com.br/doc_23490618_PORTARIA_N_867_DE_4_DE_JULHO_DE_2012.aspx. Acesso em: 21 de mar. de 2018.
- BRASIL. **PNAIC, suas ações, diretrizes gerais e a ação de formação no âmbito do Programa Novo Mais Educação – PNME**. Portaria nº 826, de 7 de julho de 2017. Brasília: Ministério da Educação, 2017a. Disponível em: http://www.lex.com.br/legis_27464570_PORTARIA_N_826_DE_7_DE_JULHO_DE_2017.aspx. Acesso em 21 de mar. de 2018.
- CONSTANT, E. *et al.* (Org.). **Educação em Movimento**: Artigos e relatos de experiências do Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa no Rio de Janeiro em 2014. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2015.
- CUSTODIO, C. M. S. **O papel da escola com a formação inicial do professor no momento de estágio**: limites, desafios e perspectivas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, 2010.

FERNÁNDEZ, A. **O saber em jogo**: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

IVENICKI, A.; CANEN, A. **Metodologia da pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e a sua formação**. 2. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, D. G.; FOUYER, M. L. Universidade e escola básica: saberes em movimento. In: In: CONSTANT, E. (Org.) **Redes de alfabetização no estado do Rio de Janeiro**: prática, extensão e integração na formação continuada. Rio de Janeiro: Edigráfica, 2018.

Data do envio: 06/12/2019

Data do aceite: 08/04/2020.